

# NOTIFICAÇÃO DOS CASOS DE DENGUE NO ESTADO DE GOIÁS ENTRE 2015 E 2017 E ESTRATÉGIAS DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL PARA CONTROLE DO VETOR AEDES AEGYPTI

Congresso Online de Microbiologia, 1<sup>a</sup> edição, de 16/08/2021 a 18/08/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-78-4

**SANTOS; Igor Romeiro dos<sup>1</sup>, COSTA; Wanderson Lucas da<sup>2</sup>, PERCILIA; Glazyelle dos Santos<sup>3</sup>, LIMA; Isabela Silva<sup>4</sup>, BAILÃO; Elisa Flávia Luiz Cardoso<sup>5</sup>**

## RESUMO

O arbovírus da dengue é endêmico em mais de 100 países e apresenta mais de 100 milhões de casos de infecções notificados por ano. Seu principal transmissor são mosquitos da espécie *Aedes aegypti*. No estado de Goiás, na região Centro-Oeste do Brasil, o mosquito foi introduzido em 1987. Com a expansão geográfica, foi relatado pela primeira vez na capital Goiânia em 1990. Em 1995, 59 municípios do Estado apresentaram epidemias de dengue. Assim, a partir dos anos 2000, intercalou-se entre altas e baixas incidências em períodos chuvosos. Com a expansão das doenças virais, a reestruturação da vigilância epidemiológica e da gestão ambiental para controle do vetor no Estado tem sido uma estratégia das políticas públicas. O objetivo desse estudo foi verificar a incidência de dengue nas macrorregiões do estado de Goiás entre 2015 e 2017, período de elevadas notificações, e descrever estratégias da vigilância em saúde ambiental do Estado para combater o mosquito vetor *A. aegypti*. Os dados foram coletados em 2020 no Portal da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (SES/GO) por intermédio do ConectaSUS, sendo acessados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Os dados foram coletados pelas cinco macrorregiões do estado: Sudoeste, Nordeste, Centro-Oeste, Centro Norte e Centro Sudeste, seguindo a divisão oficial da Secretaria de Saúde. As análises estatísticas foram realizadas no software R. A macrorregião que mais obteve casos de notificações nos três anos estudados foi a Centro-Oeste, que concentra as três maiores cidades do Estado (Goiânia, Aparecida de Goiânia e Anápolis), sendo 2015 com 97.246 casos, 2016 com 68.093 casos e 2017 com 43.381 casos. A macrorregião Centro Norte foi a que obteve o menor número de casos de notificações, sendo 2015 com 117 casos, 2016 com 51 casos e 2017 com 51 casos. Não houve diferença em relação ao sexo ( $p = 0.097$ ). Indivíduos entre 20 e 59 anos foram mais acometidos (acima de 180.000 casos nessa faixa etária). Assim, a incidência da doença (por 100.000 habitantes) foi maior na macrorregião Centro-Oeste (2015=4.352, 2016=3.015, 2017=1.901), seguida de Sudoeste (2015=2.382, 2016=1.571, 2017=1.086), Nordeste (2015=462, 2016=1.234, 2017=563), Centro Sudeste (2015=339, 2016=242, 2017=109) e Centro Norte (2015=11, 2016=5, 2017=5). Dentre as estratégias de manejo contra o *A. aegypti*, os agentes de combate a endemias (ACE) em Goiás focam em visitas domiciliares para fechamento de caixas d'água e monitoramento de objetos que devem ser armazenados de cabeça para baixo. Além disso, os ACEs orientam a aplicação de telas em ralos em janelas e a eliminação de plantas que acumulam água e realizam a aplicação de larvicidas e inseticidas, conforme o Plano Estadual de Contingência para o Controle da Dengue em Goiás de 2015 e 2016. Essas estratégias têm sido modelo até hoje, alinhando identificação, remoção, destruição ou vedação de criadouros do vetor, com apoio da comunidade, medidas socioeducativas e monitoramento dos índices pelo governo do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arbovirose, Dengue, Meio ambiente, Saúde pública

<sup>1</sup> Biomédico, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás, mestre e doutorando em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás., igor.romeiro70@gmail.com

<sup>2</sup> Biólogo, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal de Goiás., wandersonbio@gmail.com

<sup>3</sup> Bióloga, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás., glazyelleraujo@gmail.com

<sup>4</sup> Tecnóloga em Gestão Ambiental, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás., isabela.silvalima@gmail.com

<sup>5</sup> Biomédica, mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás, doutorado em Patologia Molecular pela Universidade de Brasília., elisaflavia@gmail.com

<sup>1</sup> Biomédico, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás, mestre e doutorando em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás., igor.romeiro70@gmail.com  
<sup>2</sup> Biólogo, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal de Goiás., wandersonbio@gmail.com  
<sup>3</sup> Bióloga, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás., glazelleraujo@gmail.com  
<sup>4</sup> Tecnóloga em Gestão Ambiental, especialista em Saneamento e Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Goiás., isabela.silvalima@gmail.com  
<sup>5</sup> Biomédica, mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás, doutorada em Patologia Molecular pela Universidade de Brasília., elisaflavia@gmail.com